

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DE CRIANÇAS QUE FORAM EXPOSTAS AO HIV E CONVERTERAM A SOROLOGIA, ATENDIDAS EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA

*Léia Borges Vieira da Assumpção*¹

Alessandra Paiz²

Tassiana Potrich³

Samuel Spiegelberg Zuge⁴

Desde a confirmação dos primeiros casos de HIV/aids em 1980, várias mudanças ocorreram no perfil epidemiológico devido a comportamentos, situações de vulnerabilidades e em resposta a uma série de ações em saúde. Como parte dessas mudanças incluem-se as estratégias para evitar a transmissão vertical (TV), também chamada materno-infantil ou perinatal, constatada quando o conceito adquire o vírus da imunodeficiência humana (HIV) pelo contato com sangue e secreção vaginal infectados, durante a gestação, trabalho de parto e parto, e também por meio do aleitamento materno (AM). Objetiva-se identificar o perfil das crianças expostas verticalmente ao HIV e que reverteram à sorologia. Estudo de abordagem quantitativa descritiva exploratória, desenvolvido em um serviço de referência de Chapecó/SC. Os sujeitos foram 156 crianças expostas verticalmente, com idade até doze anos incompletos. A coleta de dados ocorreu no mês de janeiro de 2016, sendo as informações, retiradas dos prontuários, devido à solicitação do serviço, para não ocorresse contato direto com o sujeito pesquisado. O projeto foi autorizado pela Secretaria de Saúde (SESAU) e Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sendo aprovado pelo CAAE: 49499115.4.0000.5564 e parecer número 836.044. Para análise dos dados, foi utilizada a estatística descritiva e de frequência (absoluta e relativa). Assim sendo, no que tange às informações do cuidador: 100% são do sexo feminino e mãe das crianças; em relação à idade percebe-se um perfil jovem, com idade predominante de 20 a 30 anos. Ao observar a escolaridade, percebe-se que quanto menos anos de estudo, maiores são os índices de HIV/aids, sendo que os valores de maior relevância correspondem ao Ensino Fundamental incompleto com 46,5%. Quanto à condição sorológica, 97,4% são soropositivos. O diagnóstico da mãe, em 59,2% foi

1 Graduada do 10º período do curso de bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul-Campus Chapecó/SC. E-mail: liadassumpo@yahoo.com.br,

2 Graduada do 6º período do curso de bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul-Campus Chapecó/SC. E-mail: alessandrapaiz@hotmail.com,

3 Enfermeira, doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó/SC. E-mail: tassiana.potrich@uffs.edu.br

4 Enfermeiro, doutorando em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor colaborador da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Chapecó/SC. E-mail: samueljuge@gmail.com

realizado antes da gestação e 25,5% durante. Em 82,2% dos casos, foi realizado parto cesáreo. No que se refere à religião da mãe, 65% são católicas, sendo as demais pertencentes a outras religiões. Quanto ao uso de Antirretroviral (ARV) foi utilizado em 80,9% das gestantes e o AZT injetável foi utilizado em 75,8% das parturientes. Em relação ao uso de AZT oral no recém-nascido, 96,8%. A Nevirapina foi utilizada em somente 8,3% dos RN. No que diz respeito ao AM, em 90,4% não foi realizado. O encaminhamento para o serviço de referência em 95,5% dos casos ocorreu ao nascer e quanto à idade da criança no primeiro atendimento, 34,3 % foram atendidas em até 15 dias de vida e 22,9 % até 30 dias. Neste cenário, ao analisar os dados, percebe-se que a maior parte das gestantes teve comprometimento com o acompanhamento e tratamento durante o pré-natal e pós-parto, e levaram em conta as recomendações e cuidados preconizados pelo Ministério da Saúde (MS). Por meio disso comprova-se a eficácia em seguir as orientações do MS para a não positividade do vírus na criança. Este estudo possibilitou reconhecer a realidade da TV no serviço em estudo e na região, e assim espera-se que os resultados possam ser utilizados para traçar planos de trabalhos específicos para essa região.

Palavras-chave: Saúde da criança. Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. HIV. Transmissão vertical.